



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Pensamentos e resistências lésbicas feministas, dialogando com teóricas clássicas, contemporâneas e movimentos lésbicos



*Não me rendo as normas brancas
Não me rendo ao racismo
Não me rendo ao eurocentrismo
Não me rendo, não adianta.
Não me rendo ao machismo, aos dias sem paz
Não me rendo as violências aos dias banais
Não me rendo ao ridículo, ao suposto poder do pau posto a mesa
Não me rendo, não adianta.
Não me rendo as cicatrizes superficiais de pessoas que não sofreram exclusões,
a burguesia.
Não me rendo as falácias de igualdade, eu quero realidade.
Não me rendo a mentira dizendo que o machismo e racismo não existem!
Não me rendo, não adianta!
Não me rendo aos termos não imbricados de classe, gênero, raça e sexualidades.
Não me rendo a concentração de renda das mãos de poucas, exploradoras de mãos de
obras barata, explorando ainda mais que já fora tão exploradas.
Não me rendo a comunicação de massa, a programas manipuladores
Não me rendo a nada que exclui, que maltrata, que engessa, desumano
Não me rendo a história contada por brancos tendenciosos
Não me rendo ao discursos onde as cotas raciais não são necessárias
Não me rendo, não adianta!
Não me rendo ao gosto amargo do fel, engodo na garganta de aversão aos colonizadores e
toda sua exploração
Não vai adiantar, eu nunca irei entender, não me rendo.
Não me rendo a classe média negra despolitizada dizer que não existe racismo
Ai, são tantos engodos gravados na garganta
Não me rendo, não adianta.
Eu não ire me adequar a nada que me oprime.
Não me rendo, irei andar de mãos dadas com quem eu escolher.
Mesmo com todo cansaço, existe um avante, consciência.
Não me rendo!
Não me rendo, de Ana Carla da Silva Lemos*



Este dossiê é resultado da realização do *I Jornada sobre o Pensamento Lésbico*, que é um dos produtos do *I Curso de Extensão sobre o Pensamento Lésbico Contemporâneo*, organizado pelo Coletivo Lesbibahia, Maria Quitéria: Núcleo de Estudos e Pesquisas e o Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (GIRA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O curso foi apoiado pelo EDITAL PAEXDoc 2017, da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, com o objetivo de discutir sobre os pensamentos de autoras lésbicas que iniciaram a discussão no final da década de 1970, até a contemporaneidade, assim como articular a UFBA com os movimentos sociais lésbicos da Bahia e do Brasil. Além disso, buscou potencializar os diálogos entre as cursistas, valorizando o encontro entre o saber acadêmico e as lutas dos movimentos lésbicos pela melhoria da qualidade de vida e ampliação das discussões sobre lesbianidades, entendendo que se trata de uma corrente epistêmica que tem construído colisões e afetos com outros paradigmas, corroborando em entendimentos que reflitam a partir das vivências lésbicas e seus diálogos, com contribuições para a análise da sociedade, das relações e culturas, para além da heteronormatividade.

Como resultado do curso, foi realizada a I Jornada do Pensamento Lésbico, em Salvador/BA, nos dias 24 e 25 de novembro de 2017, na UFBA. Naquele momento, conseguimos reunir mulheres das várias regiões do Brasil, as quais tiveram a oportunidade de discutir sobre teorias lésbicas, lesbianidades como ferramenta política e políticas públicas, além de um grupo de trabalho, que contou com a apresentação de artigos produzidos pelas cursistas e participantes outras, analisados e debatidos com coordenadoras do grupo de trabalho.

Pelos temas abordados tanto no curso, como na jornada, diversas ameaças chegaram até a página do GIRA com a intenção de que o evento não fosse realizado, porém, não nos rendemos diante das ameaças. Estamos e continuamos construindo espaços de articulação em que todas as pessoas possam participar, sem discriminação de qualquer espécie. Nesse sentido, realizamos a jornada com muita produção e afetividade.

Em resposta aos ataques sofridos, no início da Jornada, foi realizado um protesto dentro da Universidade, contra quaisquer tipos de violências, no qual as mulheres participantes falaram de suas histórias de vida, trazendo memórias de dores e poesias. Esse movimento



colaborou para que juntas realizássemos não só o evento, mas que vidas se cruzassem e dialogassem sobre as esferas afetivas, sexuais, políticas, e, sobretudo, epistêmicas. Esses são pontos-chaves que nos convidam a construir olhares para nós e para o mundo, a partir de diversos pontos de vista, mas principalmente através da epistemologia lésbica feminista.

Desse modo, esse dossiê apresenta textos baseados nas exposições feitas por algumas palestrantes ao longo da *I Jornada do Pensamento Lésbico*, por isso, convidamos você, para juntas/os conosco, se permitir a ter as experiências e vivências, conhecendo melhor o que talvez possa soar estranho aos olhos, ouvidos, falas e escritas, mas que constrói prazeres, pontes, potências e outros olhares, ouvires, falas e escritas, através dos lugares situados de lésbicas e suas intersecções.

Após esse contexto inicial, apresentamos como se deu a construção desse dossiê e, de forma introdutória, apresentamos a reflexão da feminista Glória Anzaldúa (1987/2005), que afirma:

Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. (ANZALDÚA, 1987/2005, p. 708).

Ao longo da construção da *I Jornada do Pensamento Lésbico* foi potencializado discutir temas que estão rompendo com verdades ditas universais e naturalizações, especialmente quando se trata da heterossexualidade obrigatória (RICH, 1980). Durante muito tempo, os estudos da área silenciaram a discussão sobre sexualidades, especialmente as relações entre mulheres, classificadas como dissidentes (RUBIN, 2012) ou subalternizadas. Nesse cenário, vamos refletir através de autoras que fomentam as discussões sobre as lesbianidades, caracterizando-as como “pensamento lésbico”.

Com esta pauta em mãos foram lançadas as discussões sobre construções do conhecimento que levem em consideração os saberes localizados (HARAWAY, 1995), a força e resistência do pensamento lésbico que tem como cerne a crítica à heterossexualidade obrigatória, a existência lésbica (RICH, 1980), o imbricamento como forma de resistência, pautada por Jules Falquet (2006), que articula gênero, raça, classe, e, sobretudo, sexualidade, como forma de analisar o mundo.



Para além de pensar a sexualidade como um campo que precisa ser discutido a partir de práticas, para além da heteronormatividade e do racismo, percursos que foram debatidos durante toda a jornada nas falas das palestrantes que articularam os conceitos como nos aconselha Jules Falquet, mas que foi além das discussões das teorizações queer e das políticas públicas.

Para dar conta deste desafio, a Dra. Fátima Lima, nos apresenta o artigo *Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas*. A autora contribui com análises a partir dos corpos de lésbicas negras, os denominando como “corpo-subjetivação atravessado”, perpassado pelos marcadores de raça, gênero e sexualidade, além dos “marcadores categoriais como classe, geração, território” em que tais categorias podem potencializar as exclusões sociais. Lima apresenta sua construção teórica a partir do feminismo negro, especialmente através de autoras estadunidenses e brasileiras.

A autora apresenta 04 (quatro) episódios de violências de lésbicas negras assassinadas no Brasil nos últimos anos, encerrando com o caso ocorrido, no Rio de Janeiro, com a vereadora lésbica, negra, Marielle Franco. Através dessas experiências reflete como é possível mensurar o que é comum nesses acontecimentos, os denominando como “acontecimentos-dispositivos”. Assim, Lima analisa como as condições de vida da maioria das lésbicas racializadas e como a “perspectiva feminista negra e interseccional” podem oferecer “elementos epistemometodológicos”, que potencializam as reflexões, análises e tomadas de posição frente às questões que envolvem categorias sociais como raça, sexo, gênero, classe, geração, dentre outras. Além disso, ela trabalha os conceitos de necroeconomia, da matabilidade, necropoder e necropolítica, trazidos por Mbembe (2018), e recomenda ainda tomar o marcador raça, como a espinha dorsal das análises.

Para nos aprofundarmos no Pensamento Lésbico, Ana Carla Lemos e Bárbara Alves entrevistaram a profa. Dra. Miriam Pillar Grossi, com o texto intitulado: *O Pensamento de Monique Wittig*. Nessa conversa/aula a autora nos aproxima do pensamento de uma das principais autoras lésbicas, apresentando, assim, a história de Monique Wittig e abordando sua relação com a primeira revista feminista francesa: *Questions Féministes*. Nesse processo, Grossi comenta sobre os rachas, os conflitos e a criação da *Nouvelles Questions Féministes*. Além disso, a entrevistada fala do esquecimento da autora na França, até os



anos 2000, período em que aumenta a influência de Judith Butler no feminismo francófono e a teoria queer, fato que contribui para que Wittig “saísse do armário” epistêmico.

Evidente que esse esquecimento não passou só pela existência lésbica de Wittig, várias outras autoras passaram por esse mesmo processo. Desse modo, evidenciamos a relevância e o esforço de reunir nesta publicação autoras que têm construído o pensamento lésbico clássico, nos referindo à produção do final da década de 1970, até os anos 2000, como o pensamento lésbico “clássico”.

O artigo *Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa?* da Dra. Zuleide Paiva nos apresenta a organização do movimento lésbico na Bahia, pautada pela noção feminista do conhecimento localizado (HARAWAY, 1995), da lesbianidade como um ato de resistência (CLARK, 1990), e também da lésbica política, sendo essa ideia vertente de grande contribuição nas discussões sobre os movimentos lésbicos, como espaços de resistências. Articula também o saber militante e acadêmico, não como questões duais, mas complementares. Assim, as experiências de vida da autora dialogam e contribuem com a epistemologia feminista e vice-versa, questionando conceitos nomeados como “canônicos” do que é fazer ciência. A autora nos aproxima de sua escrita de forma leve, indicando de onde surge essa narrativa, manifesta a resistência lésbica como uma “ginga” e narra o histórico de algumas organizações baianas, além de trazer autoras chaves do pensamento lésbico, como Monique Wittig, que na década de 1980, afirmou que “as lésbicas não são mulheres”.

A Dra. Caterina Rea com o artigo *Pensamento lésbico e formação da crítica Queer of Color*, buscou debater a contribuição de autoras lésbicas não brancas na construção da Teoria Queer, principalmente da Teoria Queer of Color. Desse modo, a autora entra em contato com os coletivos lésbicos de cor e as críticas que tecem às políticas LGBT mainstream. Ao longo do artigo, aponta “outra” genealogia do pensamento queer, a qual se concentra nas análises produzidas no contexto feminista e queer transnacional, principalmente através das pensadoras Gloria Anzaldúa, uma vez que se trata da primeira autora a utilizar o termo queer na esfera acadêmica. Para além disso, ela problematiza o termo lésbica e traz questões importantes a serem analisadas.



Aponta ainda de forma relevante a crítica sobre a noção da identidade, através do Manifesto elaborado pelo Coletivo de Mulheres Lésbicas Negras, Combahee River, em 1977. Esse tema, muito atual, tem percorrido o pensamento lésbico, visto sua importância nas construções epistêmicas, assim como nas ações coletivas em que a identidade lésbica se constrói através dos movimentos, não de forma uno, mas nas multiplicidades de signos.

A autora dialoga com as pensadoras Paola Bacchetta, Jules Falquet e Norma Alarcón, que trabalham de forma articulada os conceitos de “gênero, sexualidades, o racismo, a colonialidade, o genocídio, a escravidão, a pós-escravidão e a exploração de classe”, ampliando o campo de análise do pensamento lésbico, refletindo sobre o “feminismo negro que é compreendido como construtor/reformulador da noção de cultura e de agência, questionando a moral conservadora do heteropatriarcado”.

Refletindo sobre o sistema heteropatriarcal e o racismo, Jaqueline Gil Brito, nos apresenta o artigo *“Can I Be Me?” A estrela Whitney, uma história de sucessos marcada por opressões*. Em seu texto, traz uma análise crítica sobre o documentário dirigido por Nick Broomfield e Rudi Dolezal (2017) que aborda a vida da cantora Whitney Houston, demonstrando como essa foi atravessada pelas opressões de gênero, raça, sexualidade, que, segundo sua análise, contribuíram para o envolvimento com drogas e a morte prematura da cantora. Importante perceber que, além das opressões já mencionadas, havia a pressão/opressão familiar para que a heterossexualidade, a maternidade obrigatória e vivência religiosa fossem respeitadas e reproduzidas pela cantora.

O texto traz a representatividade de uma mulher que tinha estabilidade financeira para assumir sua orientação sexual e vivenciar sua história de amor, porém, pelas pressões da família, mídia, sociedade e religiosa abriu mão da sua vida, para se adequar aos padrões. Histórias de vidas que são vistas em tantas lésbicas, independente da raça/cor ou classe social. Ainda que o caso tenha ocorrido nas décadas de 1980 e 1990, essa realidade ainda se faz atual, pois o patriarcalismo ainda é um instrumento poderoso de opressão das mulheres.

A Dra. Simone Brandão Souza, contribui com seu artigo: *Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade*, apresentando a partir do panorama atual



brasileiro a necessidade de pensar estratégias de resistências para que a lesbianidade seja visibilizada, para além da produção epistêmica, em conjunto com os diversos movimentos lésbicos. A autora salienta seu lugar situado e de fala, através do Grupo LES – Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Lesbianidades, Gênero, Raça e Sexualidade da Universidade Federal do Reconcâvo Baiano – UFRB, grupo, formado por pesquisadoras lésbicas e bissexuais, que articula as pesquisas com intervenções sociais junto às lésbicas negras, encarceradas.

A autora constrói diálogos com várias autoras do pensamento lésbico, como Boucier (2015), Sauders (2017), Rich (2010), Navarro-Swin (1999), Lorde (1984), Clarke (1988), além de trazer como questão metodológica da escrituragem, com a contribuição de Evaristo (2011) e Jesus (1960), como forma de potência para a produção lésbica feminista.

Sobre as Políticas Públicas de diversidade sexual no estado do Amazonas, a ativista Sebastiana Silva, em seu texto *Gestão pública estadual e suas nuances lesbianas no contexto Amazônico*, nos coloca em contato com a vivência lesbiana na condição da gestora pública e ativista. Sebastiana, nos relata um pouco do contexto do movimento LGBT que está articulado com sua atuação política e, em seu texto, descreve as políticas públicas do estado do Amazonas voltadas à população LGBT, particularmente aquelas implementadas pela equipe coordenada por ela, uma gestora lésbica. A autora passa pela formação da Associação Amazonense de Mulheres Independentes Pela Livre Expressão Sexual (AAMILES), entidade que se torna fundamental no monitoramento e controle social dessas políticas alcançando, posteriormente, um cargo na gestão pública. Nesse sentido, nos apresenta a tentativa de articular as demandas dos movimentos sociais e a implementação das políticas públicas, abordando os enfrentamentos, desafios, conquistas, retrocessos e ainda reflete sobre as perspectivas futuras.

Nas discussões pautadas neste dossiê, trazemos a interlocução do pensamento lésbico clássico e contemporâneo, dialogando com as autoras lésbicas que têm construído um conhecimento situado sobre as lesbianidades, no sentido da não essencialização da identidade, mas nas práticas políticas e epistêmicas possíveis para a saída do armário do pensamento lésbico. Entendendo que esse campo também é perpassado por disputas epistêmicas e políticas, salientamos que este trabalho se coloca no lugar da produção do pensamento lésbico e lésbico feminista, assim como do ativismo lésbico feminista.



A pluralidade das experiências lésbicas vem construindo saberes e potências para o rompimento com a perspectiva hétero centrada das construções epistêmicas. Tendo assim, como desafio rumo a transformações possíveis, o diálogo entre teorizações e práticas, através do pensamento lésbico e feminista. Nesse sentido, acreditamos que este Dossiê abarca essa pluralidade sem esgotá-la, se apresentando como mais um dos passos, na ampliação da visibilidade lésbica e do pensamento lésbico contemporâneo.

Esperamos que essa leitura colabore para que mais pessoas entrem em contato com essa realidade, e, principalmente, que mais lésbicas sejam incentivadas e valorizadas a colaborar com a produção de conhecimento, que mesmo diante das intempéries no campo, que esse trajeto seja rodeado de cactus e poesias.

Queremos ainda, deixar registrada nossa indignação com as mortes de lésbicas no Brasil, simplesmente pelo fato de serem lésbicas e vivenciarem seus desejos para além da heteronormatividade. Nossos aplausos e poesias a tantas mulheres que tiveram seus corpos silenciados, mas não deixaremos que suas histórias sejam apagadas.

Marielle Franco e tantas outras.

Assim como as que se silenciaram por não suportar o que o mundo quer nos impor: Marylucia Mesquita.

Presentes nas nossas poesias, memórias e história do movimento lésbico brasileiro. Sempre e para sempre, PRESENTES!

Ana Carla da Silva LEMOS

Nathalia Christina CORDEIRO



Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 704-719, setembro-dezembro/2005

CLARKE, Cheryl. Lesbianism: An Act of Resistance.” **The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, a Society, and Politics**. Columbia University Press, 1990. Tradução livre disponível em: <<http://ebookbrowse.net/lesbianismo-um-ato-de-resistencia-cheryl-clarke-pdf-d281612776>>

FALQUET, Jules. Breve reseña de algunas teorías lésbicas. **Diccionario crítico del feminismo**. Primera edición: fem-e-libros. México, 2004.

_____. **De la cama a la calle: perspectivas teóricas lésbico-feministas**. Ed. Antropos. Bogotá, 2006.

feminismo. Paris: GEDISST/Madrid: Editorial Síntesis, 2002.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, 1995, p. 7-41.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade Compulsória e existência lésbica. 1980. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. **Bagoas**, Natal, n. 5, 2010, p. 17-44.

RUBIN, Gayle. Pensando Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes Revisão de Miriam Pillar Grossi. 1994.

Agradecimentos

Agradecemos a toda organização e equipe envolvida para a realização do Curso Pensamento Lésbico Contemporâneo, assim como da I Jornada sobre o Pensamento Lésbico, o Coletivo Lesbibahia, Maria Quitéria: Núcleo de Estudos e Pesquisas e o Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (GIRA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A todas as autoras que aceitaram o desafio de expor seus pensamentos e seus escritos sobre o pensamento lésbico e suas interseccionalidades, a cada cursista que se empenhou para que o curso fosse realizado, a cada pessoa que dedicou trabalho e poesia ao campo, independente do lugar situado e de fala. Acreditamos que o que nos une é mais forte do que aquilo que nos separa, que as resistências são construídas de forma coletiva e que este produto é fruto de todo este trabalho. Que venham mais construções respeitadas e de resistências políticas, epistêmicas e feministas como esta. Agradecimentos mais que especiais à coordenação de todo esse processo, através de Bárbara Alves, Felipe Fernandes e Valéria Noronha.